Pintura de Guilherme Parente, o Poder Contagiante da Cor

Nascido em Lisboa, em 1940, Guilherme Parente é um dos artistas mais interessantes da sua geração, revelado, desde os anos 60, como autor de uma obra que, hoje, nos surpreende pelo seu grau de pureza e autenticidade. A sua pintura é um espectáculo visual, que nos seduz pelo poder contagiante da cor, em cenários informais, onde emergem ascensionais colunas arquiectónicas e longilíneos feiticeiros, que contracenam com gigantescas borboletas brancas e multicolores, que esvoaçam no céu azul claro, primaveril. Na paleta diurna do pintor predominam azuis claros, amarelos, verdes e laranjas, a que se ajustam o ouro, a prata, o branco, o preto e o cinzento. Com esses tons de vibrante luminosidade, o pintor constrói uma requintada imagética pessoal, intensamente lírica. Em largas manchas cromáticas irrompem torres, colunas, avejões, morcegos, personagens aladas, flores astrais, sóis, luas, nuvens, jardins e mares suspensos, embarcações de nostálgicas viagens imaginárias. Figuras plasmadas, de contornos difusos, são reduzidas a signos, inscritos em amplas áreas pictóricas. A narrativa é apenas sugerida por abreviados signos gráficos, inseridos na simbologia onírica da cor envolvente, cujo encantamento nos remete para a poética do maravilhoso da infância, recriada em perspectiva adulta. No caso de Guilherme Parente, a ingenuidade é sinónimo de autenticidade, plenamente assumida na pureza dos meios expressivos e técnicos a que recorre, seja gravura, aguarela, acrílico, óleo ou pastel. Pintar é um acto mágico e intimista, na comunhão do pintor com a pintura. Imagens de colinas, praias e horizontes longínquos, rebatidas no plano frontal do suporte, criam súbitas e inesperadas aparições fantasmáticas, reminiscências de uma memória solar, inextinguível. A cor lisa reafirma a bidimensionalidade da tela rectangular, por vezes, excessivamente alongada na hori-zontal, verticalmente seccionada, como faces de biombos, que se articulam no espaço real, tridimensional.

A vocação expressiva e decorativa desta arte amável e serena, nunca agressiva, justifica-se não só na concepção de biombos, à escala natural, como também na concepção meticuilosa de mini-quadrinhos, emoldurados como jóias de preciosos nacos de pintura, desenvolvendo uma íntima relação entre o pormenor e o todo. O quadro dentro do quadro proporciona ver a pintura como objecto que em si mesmo se inspira, conjugando, através de uma notável unidade de estilo, a dimensão lúdica e a dimensão metafísica, na montagem e desmontagem da imagem. Na sua fluidez, a pintura auto-comenta-se e documenta-se no labor artesanal do pintor, que se projecta inteiro no que faz, em diálogo aberto e sincero com o mundo que o rodeia. É um deleite para os olhos ver o que a pintura de Guilherme Parente nos ensina, no modo delicado, directo e espontâneo como coloca a mancha de cor, que engendra a obra que, por seu turno, se apodera de um vocabulário pessoal que não se esgota nunca, porque os símbolos, sendo os mesmos, surgem em diferentes contextos na mutação que desencadeiam de quadro para quadro. É uma lição de cor e simplicidade de expressão, que não abdica do prazer de pintar com grande sensibilidade plástica. Encanta ver como os tons e as formas se ajustam; formas e tons apenas apontados numa ágil escrita pictórica neo-figurativa, que evoca Dufy e a cor sensorial de Bonnard, Klimt e outros pintores simbolistas. Admiráveis vermelhões e laranjas contrastam com amplos azuis claros; largas áreas róseas e brancas admitem a vizinhança de verdes e amarelos luminosos, onde, por vezes, se demarcam sucintos negros. Ressalta a afeição como toda a superfície cromática é tratada.

A iconografia do pintor processa-se com inegável coerência e sem sobressalto, ao longo de mais de trinta anos de prática continuada, desde a gravura à pintura, que se objectualiza em biombos, habitáculos fantasiosos, colunas cerâmicas e medalhas de minuciosa concepção. Etéreas figuras-signos desfazem-se e refazem-se, na atmosfericidade colorida, que invade o espaço como uma nuvem ou uma miragem. O poder contagiante da cor informal de contornos difusos contrasta, por vezes, com nítidas superfícies demarcadas. Mas a tendência é para informalizar a geometria latente, em favor da espontaneidade da mancha, onde se inscreve o grafismo sintético, que reduz tudo a signo. A imagem emerge da pintura e nela recria a sua ancestral vocação cenográfica, em décors feéricos, plenos de fantasia. A movimentação é suave e flutuante. Tudo paira no espaço onírico da pintura de Gulherme Parente. Incorpóreas silhuetas de aves e morcegos, borboletas, flores, estrelas, sóis, luas e nuvens, árvores, frutos e cogumelos, girafas, cavalos marinhos, dragões e feiticeiros, torres, pilares e pirâmides, objectos aparentemente moles e sem peso, são adereços de um cenário animado, onde todas as fronteiras se dissolvem na fusão do real com o imaginário. S. Jerónimo, eremita solitário, abandonou o livro da meditação, para se transfigurar em longilíneo feiticeiro ou mágico de chapéu alto, personagem enigmático que persiste no espaço palpitante da sua actual pintura, marcada pelo ritmo impulsivo do pincel e da espátula, que acentuam a tactilidade da matéria informal e a vibração do pigmento. Sem violência nem conflito, a pintura de Guilherme Parente capta a essência do sonho feliz, deixando transparecer as suas próprias metamorfoses simbólicas. Num estado de rêverie, quase em êxtase, a mão do pintor apenas regista os impulsos mais íntimos e o que os olhos desvendam com emoção. Num espaço inundado de luz e cor, a mínima variação é já um excesso. Excessiva, sintética e aliciante a pintura de Guilherme Parente atinge o auge no domínio de uma linguagem pessoal que revela uma notável liberdade de expressão.

Eurico Gonçalves